



SHAZAM – ASPECTOS TEOLÓGICOS E RELIGIOSOS DO “MORTAL MAIS PODEROSO DO MUNDO” A PROPÓSITO DOS 80 ANOS DE SUA CRIAÇÃO

SHZAM – RELIGIOUS AND THEOLOGICAL ASPECTS OF “THE WORLD’S MIGHTIEST MORTAL” ON THE 80th ANNIVERSARY OF ITS CREATION

Carlos Caldas

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas

Resumo

Em 1940 dois artistas estadunidenses, Bill Parker e C. C. Beck, trabalhando para a produtora Fawcett criou o personagem Capitão Marvel, que logo fez muito sucesso, tendo inclusive por um período vendido mais revistas que as do Superman. Posteriormente, por questões jurídicas o nome do herói teve que ser mudado para Shazam. Sua descrição o apresenta como “o mortal mais poderoso da Terra”. O presente artigo pretende apresentar uma história do personagem com ênfase nos elementos teológicos e religiosos de sua narrativa. A premissa básica do artigo é que estes elementos se constituem em chave hermenêutica para uma compreensão do super herói.

Palavras-chave

Mitologia; Teologia e HQs; Virtudes; Literatura de fantasia e religião

Abstract

In 1940 two American artists, Bill Parker and C. C. Beck, working for Fawcett Comics, created the Captain Marvel, and the character quite soon achieved huge success, selling for a while more copies of his magazine than Superman's. After this, due to juridical issues the hero's name had to be changed to Shazam. His description presents him as “the world's mightiest mortal”. This articles intens to presente a history of the character with emphasis on the religious and theological elements of his narrative. The basic presupostiion of the article is that these elements are a hermeneutical key to understand the super hero.

Key Words

Mythology; Theology and Comics; Virtues; Fantasy literature and religion

Introdução



Em 1938 a dupla de artistas estadunidenses Jerry Siegel e Joe Shuster cria o Superman, que viria a ser o mais icônico e conhecido super herói da história. Apenas dois anos depois o roteirista de quadrinhos Bill Parker e o desenhista C. C. Beck criaram em 1940 o Capitão Marvel, personagem com características muito semelhantes à criação da dupla Siegel e Shuster: ambos, Superman e o então Capitão Marvel²³, voam, são dotados de força sobre-humana, têm velocidade acima do normal, e ambos lutam contra a maldade e a injustiça. Mas as semelhanças param por aí. As diferenças são muito notáveis, e é muito provável que por tê-las observado que o grande público se encantou tanto com a criação de Parker e Beck. Estas diferenças não estão apenas no plano dos super poderes, pois o Superman tem algumas capacidades que o Capitão Marvel não tem, a saber, visão de raio X, visão de calor e o sopro super gelado. As diferenças entre os dois super seres estão em outro plano: o Capitão Marvel é humano, e o Superman é kryptoniano, ou seja, um alienígena, proveniente do planeta Krypton. Os poderes do Superman são concedidos pelo contato com o sol amarelo do nosso Sistema Solar (na mitologia do Superman o sol ao redor do qual o planeta Krypton circula é vermelho), enquanto os poderes do Shazam são derivados da magia. A identidade secreta do Capitão Marvel também é fator de diferença notável: enquanto o Superman é um jovem adulto que saiu do interior (Smallville) e foi trabalhar em uma cidade grande (Metropolis) como repórter, adotando o nome de Clark Kent, o alter ego do Capitão Marvel é um menino órfão por nome Billy Batson. A narrativa que conseguiu combinar a pureza e a inocência de um menino com super poderes que, como se verá, remetiam a entidades mitológicas, cativou o público. Conforme Christopher Knowles,

Com efeito, as *Captain Marvel Adventures* venderam mais do que as revistas do Super Homem no apogeu desse herói, e o Capitão Marvel foi o primeiro super herói a ser adaptado para o cinema em 1941 (*The Adventures of Captain Marvel*). Com toda razão a DC Comics viu no Capitão Marvel uma séria ameaça (KNOWLES, 2008, p. 144).

De fato, o Capitão Marvel logo se fez presente em diferentes mídias, além das revistas. Como exemplos podem ser mencionadas uma versão para a televisão na década de 1970, animações (muitas destas podem ser encontradas no YouTube) e um filme *live action* de grande sucesso em 2019²⁴.

²³ Mais adiante neste capítulo será explicada a controvérsia em torno do nome do super personagem.

²⁴ Para detalhes a respeito do filme consultar CALDAS, 2019.



O artigo seguirá a seguinte sequência: primeiramente será feita uma apresentação da uma da narrativa do personagem, seguida de outra apresentação, a saber, dos elementos teológicos e religiosos do Capitão Marvel. Esta última parte será o coração propriamente do artigo. Como conclusão serão feitas considerações sobre a ligação entre teologia e as HQs.

Narrativa de origem e desenvolvimentos posteriores do “mortal mais poderoso do mundo”

Tanto o Superman como também o Capitão Marvel são do período que os historiadores posteriores da “nona arte” chamarão de “Era de Ouro” das HQs. Eram histórias leves e ingênuas comparadas com as HQs e *graphic novels* contemporâneas, que apresentam abertamente temas de complexidade existencial, densidade filosófica e, muitas vezes, críticas políticas.

A narrativa de origem do super herói que se constitui no objeto de estudo deste artigo fala sobre um menino órfão, não mais que um rapazote, por nome Billy Batson, que trabalha como locutor em uma emissora de rádio. Um dia ele é conduzido por um homem desconhecido a um túnel abandonado do metrô de Fawcett City, a cidade onde mora. Ele embarca, e o trem, sem condutor (pelo menos, sem um que possa ser visto pelo garoto) o leva a um local misterioso, onde há inscrições em caracteres não latinos, de um alfabeto que ele evidentemente não conhece. Após desembarcar, Billy Batson caminha por um túnel, ao longo do qual há sete estátuas com figuras antropomórficas que representam os sete inimigos da humanidade. Curiosamente, são os mesmos “sete pecados capitais” da tradição medieval cristã de inspiração tomista, a saber:

Orgulho;
Inveja;
Ganância;
Raiva;
Preguiça;
Gula;
Luxúria.

O garoto se encontra com um mago, com aspecto de um ancião, que diz tem o nome de Shazam. O mago Shazam por sua vez tem também uma origem curiosa, que foi revelada em uma história publicada apenas em 1980: há milhares de anos um jovem cananeu chamado Jbediah (nome que significa “amigo do Senhor”, isto é, “amigo de Deus”) que era pastor de ovelhas e um dia descobre



horrorizado que toda sua aldeia fora massacrada por um bando de salteadores. Ele clama aos deuses por justiça, e estes lhe respondem que não podem fazer nada se os homens resolvem ser maus e violentos uns com os outros. Jebediah então pede que os deuses lhe concedam parte de seus poderes, e estes atendem ao seu pedido. A partir daí quando o jovem Jebediah proclama VLAREM ele se torna o primeiro campeão da humanidade. VLAREM – anagrama de MARVEL – é a palavra formada a partir das iniciais dos deuses imaginários (o panteão cananeu nunca teve qualquer divindade com estes nomes) Voldar, Lumian, Arel, Ribalvei, Elbiam Marzosh. Muito tempo depois disso o herói Vlarem encontrará outras seis entidades mítico-mágicas e será chamado pelas iniciais delas, tornando-se assim Shazam, Milhares de anos mais tarde, já cansado, o antigo Vlarem procura um sucessor, e o encontra na pessoa de Billy Batson, jovem de coração puro. Neste ponto as duas narrativas se encontram: Billy é levado até a Pedra da Eternidade, lugar “encantado”, onde as linhas do tempo e do espaço se encontram. O ancião lhe revela que ele (Billy) fora escolhido para ser o detentor e portador dos poderes de Shazam por conta da bondade e da pureza de seu coração. Ao dizer em voz alta SHAZAM o menino se transforma em um adulto, trajando uma roupa que pelos padrões estéticos contemporâneos seria considerada muito “brega” e “cafona”: botas que fazem lembrar um mosqueteiro francês de um romance de Alexandre Dumas, uma roupa vermelha e uma capa branca com detalhes amarelos. Mas o mais surpreendente é que a palavra mágica SHAZAM evoca poderes e habilidades mais que especiais de sete entidades ou seres, extraídos da Bíblia e da mitologia grega, quais sejam:

S – Salomão – sabedoria

H – Hércules – força

A – Aquiles – coragem

Z – Zeus – poder

A – Atlas – resistência

M – Mercúrio – velocidade

A partir deste momento o rapazinho levará sua vida com identidade dupla, pois ninguém saberá de sua identidade secreta, e sempre que houver necessidade, ele invocará os poderes de Shazam tornando-se assim “o mortal mais poderoso do mundo”, com o nome de Capitão Marvel (contração



de *marvellous*, “maravilhoso” em inglês). Desta maneira, lutará contra criminosos e malfeitores de todo tipo, e eventualmente, lutará contra Adão Negro, uma espécie de contraponto, um super vilão com poderes adquiridos também pela via da magia, poderes estes provenientes de divindades da mitologia egípcia. Dois outros adversários notáveis do Capitão Marvel são o Dr. Silvana, representado como o estereótipo clássico do cientista louco que quer dominar o mundo, e o Senhor Cérebro (*Mister Mind*), vilão caricato e absolutamente bizarro, pois é uma larva alienígena super inteligente que fala através de um pequenino aparelho que faz lembrar um rádio, que carrega abaixo de sua cabeça, mesmo não tendo ombros para apoiar o cordão que segura o dispositivo...

A apresentação do personagem obrigatoriamente terá que mencionar a controvérsia jurídica que resultou na mudança de seu nome: como visto, o super herói com poderes provenientes de uma fonte mágica foi criado com o nome de Capitão Marvel. Já em 1941 a Fawcett Comics sofreu um processo por parte da National Publications (empresa que mais tarde seria a DC Comics). A razão do processo é que para os executivos da National Publications o Capitão Marvel seria um plágio do Superman. A alegação evidentemente se baseia nas já citadas características que os personagens compartilham. A Fawcett ganhou foi inocentada na pendenga jurídica (que se arrastou por anos), mas pouco tempo depois entrou em processo de falência. A ironia é que anos depois a DC comprou os direitos de licença dos personagens da extinta Fawcett, e em 1980 comprou definitivamente todos os direitos do Capitão Marvel. Logo surgiria outra batalha jurídica em torno do personagem, sendo que desta feita a querelante era a Marvel Comics, que tem em seu rol de super heróis alguns com o nome Marvel – ou, pelo menos, com um nome bastante parecido. Este é o caso de Mar-Vell, que na mitologia Marvel é um alienígena humanoide, pois é do planeta Kree, que vem ao planeta Terra estudar o desenvolvimento da tecnologia humana. Mar-Vell eventualmente ficou na Terra, usando seus super poderes a serviço do bem. Além do Mar-Vell há também a Capitã Marvel, que é uma humana por nome Carol Danvers, que após uma explosão acidental, tem seu DNA fundido ao de Mar-Vell, o que fará com que ela adquira super poderes. Enfim, com tantos personagens de nomes parecidos, ou com o mesmo nome, é fácil surgir confusão. Desde 2011 o antigo – e original! – Capitão Marvel é chamado de Shazam na DC, ou seja, o nome do mencionado mago que escolheu o jovem Billy Batson para ser o portador dos seis poderes especiais.

Outro elemento notável do Capitão Marvel é o fato que ele não é exatamente único, pois existe a Família Marvel, ou Família Shazam: já em 1942 existem as histórias de parentes ou amigos



de Billy Batson que de diferentes maneiras também são galardoados com super poderes: Mary Bromfield, irmã gêmea de Billy, mas que fora criada em outra família (daí não usar o sobrenome Batson, mas Bromfield, da família que a adotou), transforma-se em Mary Marvel, seu amigo Freddy Freeman (na versão chamada Novos 52 Freddy é irmão adotivo de Billy) se torna o Capitão Marvel Junior, uma versão adolescente do Capitão Marvel. Os outros irmãos adotivos de Billy, Eugene Cho, Pedro Peña e Darla Dudley tornam-se versões adultas deles mesmos, todos com alguns dos super poderes Shazam²⁵. É interessante observar que os integrantes desta família são de origens étnicas diferentes: Eugene é coreano, Pedro é mexicano e Darla é afro-americana. Deve-se acrescentar: Eugene é típico adolescente *nerd*, aluno brilhante, acima da média, e tímido, Pedro é o garoto que sofre *bullying* por ser obeso, Darla é a menina de coração puro, mas que chega a ser irritante algumas vezes por ser muito “tagarela”, e Freddy é hemiplégico, tendo que usar uma muleta de tipo canadense para andar. Eis aí um aspecto importante, que aponta para a necessidade de inclusão na sociedade. Na verdade, não apenas aponta, mas, pela via da ficção literária, apela para a prática da inclusão. A respeito da Família Marvel, ou Família Shazam, anotou-se: “ele (Billy Batson) mostra que família não é necessariamente feita por laços de sangue, mas por laços de amor. Jesus ensinou esta verdade, quando disse que sua mãe, seu irmão e sua irmã é todo aquele e toda aquela que faz a vontade do Pai celeste (Mt 12.46-50; Mc 3.31-35; Lc 8.19-21) (CALDAS, 2019). Para concluir a consideração sobre a Família Marvel, citar-se-á Reblin mais uma vez:

Os elementos mítico-religiosos apresentados nas histórias da Família Marvel são mediados pela magia, eixo central do enredo. A magia vincula os personagens com suas ações e suas características, os cenários e as tramas. As divindades, o sobrenatural, a pedra da eternidade, o submundo, os personagens coadjuvantes possuem sua razão de ser no mundo da magia, o que dá uma impressão embaçada do que seria realmente religioso ou mítico ou especificamente mágico (REBLIN, 2011b, p. 1442).

Assim, seja ajudando pessoas a enfrentar desastres naturais, ou enfrentando inimigos que usam a ciência (Dr. Silvana) ou a magia (Adão Negro), ora sozinho, ora com os integrantes da Família Marvel, o “mortal mais poderoso do mundo” tem encantando gerações há décadas.

Elementos religiosos e teológicos do mortal mais poderoso do mundo

²⁵ Nas HQ's a família conta também com o Tio Dudley, que finge ter super poderes, e o Sr. Malhado, um tigre falante.



Tendo visto, ainda que apenas em síntese, a origem e alguns desenvolvimentos posteriores do antigo Capitão Marvel, atual Shazam, o mortal mais poderoso do mundo, pode-se partir para a parte mais importante deste artigo, a saber, a apresentação dos elementos religiosos e teológicos do personagem. O artigo defende a hipótese que estes elementos constituem-se em chave interpretativa para uma compreensão correta do super herói.

Alguns destes elementos saltam aos olhos até de um leitor não muito atento. Outros, já são um pouco mais sutis. Sejam os mais evidentes ou os não tão óbvios, formam um conjunto interessante por demais.

Poder-se-ia começar pelo fato da pureza de coração do menino Billy ter sido o fator para sua escolha para ser o detentor dos poderes Shazam: o escolhido foi um menino, não um adulto, o que faz lembrar o dito de Jesus quando declarou a uma audiência de adultos: “Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? ²E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. ³E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.” (Mt 18.1-5)²⁶. Nesta perícopie bíblica Jesus inverte a pedagogia tradicional, na qual adultos ensinam e crianças aprendem, pois coloca a criança como ensinadora, e os adultos como aprendizes. De fato, o tema da criança na tradição bíblica é mais importante que se pensa. O profeta Isaías profetizou a respeito da vinda do Messias menino:

Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. Deleitar-se-á no temor do Senhor, não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos, mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso. A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins. O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará (Is 11.1-6, ênfase acrescentada).

²⁶ Todas as referências bíblicas citadas neste artigo são da Versão Revista e Atualizada no Brasil, tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.



Teriam Parker e Beck se inspirado na passagem da profecia isaianica que anuncia não um messias adulto, mas um messias menino, para criar o conceito do personagem Capitão Marvel? Não há prova documental que possa comprovar esta hipótese. Sabe-se que Beck era filho de pastor luterano (KNOWLES, p. 144), o que permite pelo menos conjecturar que ele tivesse conhecimento do texto bíblico acima citado, que é lido nas igrejas cristãs nas liturgias do período natalino. Curiosamente, o anteriormente mencionado Knowles apresenta uma tipologia de arquétipos religiosos nos quais os super-heróis se enquadram. Conforme a tipologia de Knowles, o Capitão Marvel/Shazam se enquadra no arquétipo do *messias*, isto é, o salvador poderoso, que não usa seus poderes em benefício próprio. Antes, só os utiliza a favor do próximo necessitado e em perigo (KNOWLES, 2008, p. 144-148)²⁷.

O que é inegável é que o Capitão Marvel/Shazam existe em uma estrutura narrativa na qual elementos mitológicos e mágicos são preponderantes. A começar que seus poderes são invocados com uma palavra pronunciada, a famosa “palavra mágica”, que aparece em tantas histórias de diferentes folclores, tipo *abracadabra*, *sim salabim* ou o *Abre-te Sésamo*, das *Mil e uma noites*. Eis aí uma tradição antiga: a palavra que evoca poderes capazes de alterar a realidade. De maneira judiciosa, o pesquisador brasileiro Iuri Andreas Reblin, um dos pioneiros no estudo das HQs na perspectiva da teologia, observou a respeito da palavra mágica nas narrativas que envolvem o mago Shazam e todos os componentes da Família Marvel: “Religião, magia e mito se fundem e se confundem no poder da palavra” (REBLIN, 2011, p. 115)²⁸. A este respeito, vale a pena lembrar Rubem Alves, com a capacidade rara de aliar leveza e profundidade que lhe era peculiar, ao falar sobre o poder da palavra e de sua importância na elaboração do construto teológico e da experiência religiosa, afirmou, sem esconder o tom provocativo, livre e ousado que também caracteriza suas reflexões: “o feiticeiro é aquele que diz uma palavra e, pelo puro poder dessa palavra, sem o auxílio das mãos, o dito acontece. Deus é o feiticeiro-mór: falou, e o universo foi criado” (ALVES, 2004, p. 23).

²⁷ Knowles vai citar o Superman e o Capitão América como personagens que se enquadram no arquétipo do messias. Este é um dos arquétipos mais comumente encontrado no mundo extraordinário dos super heróis. Poder-se-ia pensar no Homem Aranha e no Demolidor, ambos da Marvel, como também representantes deste arquétipo.

²⁸ Há que se destacar que Reblin em *O alienígena e o menino* apresenta uma investigação teológica do Capitão Marvel a partir da história *O poder da esperança*, de Paul Dini e Alex Ross (REBLIN 2015; DINI, ROSS, 2001).



Outro elemento religioso das narrativas das super aventuras do “mortal mais poderoso do mundo”, este mais sutil, é o fato que são seis os super poderes que Billy Batson recebeu. Não foram nem cinco nem sete, mas seis. No Apocalipse de João, na passagem bastante conhecida, mas via de regra mal interpretada, que fala sobre o *theriôn*, a “besta”, o monstro do caos que se levanta contra o próprio Deus, é dito, com a típica linguagem enigmática que caracteriza a literatura apocalíptica, que o monstro tem um número: “Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é *número de homem*. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis” (Ap 13.18, ênfase acrescentada). Ao longo dos séculos inúmeras propostas de interpretação têm sido sugeridas para decifrar o “segredo” deste número, algumas absolutamente bizarras e sem sentido. A questão é que não há mistério a ser resolvido: a resposta já está dada: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem”. Na tradição judaica presente na Bíblia, há forte simbolismo aritmético, e a literatura apocalíptica é pródiga neste tipo de simbolismo. Neste simbolismo, o sete é símbolo da perfeição divina, pois conforme o relato do Gênesis, Deus criou o mundo em sete dias. O seis, o primeiro número antes de sete, representa simbolicamente a humanidade: o humano está abaixo de Deus, é menos que Deus. No caso específico de Apocalipse 13, o texto mostra que não importa quantas vezes o “seis” seja repetido, sempre será menos que sete. O mal, que tem na besta monstruosa seu elemento de atuação, nunca se igualará a Deus. Mas no caso das narrativas do Capitão Marvel/Shazam, é possível pensar no simbolismo primário do algarismo seis como sendo o símbolo do humano. Neste caso, os poderes Shazam sendo seis são uma lembrança que, ao invocá-los, Billy Batson se torna super poderoso, mas não deixa de ser humano. Não é sem razão que ele é chamado de “mortal mais poderoso do mundo”. É o mais poderoso do mundo, mas ainda é mortal. Billy Batson se reveste dos poderes Shazam, mas não deixa de ser, como disse Riobaldo, “homem humano”, e, portanto, limitado. Ele não deixa de ser mortal. Portanto, em *Reino do amanhã*, a emblemática e clássica *graphic novel* de Mark Waid (roteiro) e Alex Ross (arte), o Shazam morre. Em um dos momentos mais dramáticos de toda a narrativa, o Superman se dirige a um Billy atormentado, por estar debaixo de controle cerebral a partir de um estratagema perverso de Lex Luthor, enquanto transfigurado em Capitão Marvel, e lhe diz: “Essa decisão não pode ser minha. Eu não sou um deus. Não sou humano. Mas você Billy, é os dois. Mais que qualquer um você sabe o que é viver nos dois mundos. Só você pode pesá-los com a mesma medida” (WAID, ROSS, 2013). Nesta hora o Capitão Marvel consegue se libertar da lavagem cerebral que Lex Luthor operara nele, e impede que uma bomba nuclear



exploda, mas acaba morrendo ao absorver o impacto da explosão que, de outro modo, mataria milhões de pessoas. Desta maneira ele confirma seu aspecto de personagem messiânico, e faz lembrar outro dito jesuânico: “Ninguém tem maior amor do que este; de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15:13).

Resumindo: o que se propõe nesta seção do artigo é que a quantidade de poderes extraordinários recebidos por Billy Batson é um lembrete que ele é um humano agraciado com dádivas especiais para servir a outros humanos. Sendo assim, não há no número seis do Shazam nenhuma ligação com a malignidade do *theriön*, o monstro apocalíptico.

Considerações finais

O antigo Capitão Marvel, atual Shazam, tem alternado momentos de grande sucesso, com grandes vendas de suas revistas, com momentos de virtual ostracismo. O filme de 2019 tem o efeito potencial de trazê-lo de volta à popularidade que já desfrutou, especialmente nos primeiros anos após sua criação. Mas a partir de 2020 a situação se complica com a pandemia de Covid19, que fez paralisar qualquer projeto de um segundo filme. Seja como for, fato é que trata-se de um personagem fascinante em muitos sentidos. O principal deles é o fato de ser um super herói que alia o poder de deuses e entidades heroicas de um passado glorioso com a pureza de coração de uma criança. Em suas histórias os elementos da magia e da religião se unem de maneira criativa e livre, de um modo como apenas a ficção literária é capaz de criar. Há uma teologia subjacente às histórias do mortal mais poderoso do mundo, a partir de influências advindas de textos bíblicos que exaltam a criança, o que vai na contramão da tendência, antiga e atual, de não considerar a criança como sendo importante.

O presente artigo não pretende ser a apresentação definitiva e exaustiva de todos os elementos teológicos e religiosos das histórias do Capitão Marvel/Shazam. Antes, pretende ser uma contribuição, posto que singela, ao estudo das HQs a partir da perspectiva da teologia e dos estudos de religião. Considerando a riqueza, a variedade e a densidade de elementos de natureza teológica e religiosa nas aventuras do “mortal mais poderoso do mundo”, certamente outras investigações nesta direção hão de vir a lume.



Referências

- ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver a minha vida novamente...* 8ª edição. Campinas: Verus, 2004
- CALDAS, Carlos. Shazam: teologia e diversão para todos os públicos. *Ultimato Online*. Disponível em <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/shazam-teologia-e-diversao-para-todos-os-publicos>>
- DINI, Paul ROSS, Alex. *Shazam! O poder da esperança*. São Paulo: Abril Cultural, 2001
- KNOWLES, Christopher. *Nossos deuses são super-heróis*. São Paulo: Cultrix, 2008
- REBLIN, Iuri Andreas. O poder da palavra: magia, mito e religião em *Shazam!* Espaço Acadêmico. No 137, 2011, p. 109-117.
- REBLIN, Iuri Andreas. Mitologia e religião nas histórias do Mago Shazam e de sua Família Marvel. Anais do 24º Congresso Internacional da SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2011b, p. 1436-1443
- REBLIN, Iuri Andreas. *O alienígena e o menino*. Jundiaí: Paco, 2015
- WAID, Mark. ROSS, Alex. *Reino do amanhã*. Barueri: Panini, 2013.